Revista eletrônica HISTÓRIA EM REFLEXÃO

PPGH - Programa de Pós-Graduação em História
UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

ISSN: 1981-2434
Dourados - MS - Brasil

“OS BÚZIOS RESPONDEM”
Simpatias e mirongas (Belém-PA, 1985-1997)

“THE BÚZIOS RESPOND”
Love spells and rituals (Belém-PA, 1985-1997)

IPOJUCAN DIAS CAMPOS[1]

THAMIRES GABRIELE SILVA[2]

RESUMO

As interpretações a seguir localizam-se na cidade de Belém. O seu recorte cronológico inicia-se em 1985 estendendo-se até 1997. Elas se debruçaram a compreender determinados deslocamentos afro-culturais exercidos pelo babalorixá Pai Serginho de Oxóssi. Esta personagem acessou o público paraense por meio de dois canais de comunicação, quais sejam: o do jornal “Diário do Pará”, coluna “Os búzios respondem” e o do programa radiofônico “A Hora do Axé” transmitido pela “Rádio Clube do Pará”. Através destes veículos apresentou o poder que a sua crença religiosa exercia nas estruturas mentais amorosas-sentimentais daqueles “desesperançados” em face aos amores “perdidos”. O contato entre consulentes e consultante ocorria por intermédio de correspondências encaminhadas pelos primeiros ao segundo, as quais eram respondidas nas páginas do citado periódico. Com efeito, este estudo consiste na lógica de que asilar-se sob os recursos do religioso em questão, ocorria ao tempo em que os consultadores haviam esgotado todo e quaisquer recursos ditos tradicionais pensados capazes de estabelecer reaproximações com o sujeito amado, por uma perspectiva; mas, por outra, o artigo firma posição na lógica de que os caminhos apresentados pelo afro-religioso não seriam eficazes se aspectos psicológicos, de cada qual, ficassem às margens das magias vislumbradas solucionadoras de desinteligências afetivas. À vista disso, os documentos utilizados à elaboração de tais propósitos, foram: matérias compulsadas no jornal “Diário do Pará” e trechos de uma entrevista concedida pelo religioso aos autores destas reflexões.

Palavras-chave: Religião. Religiosidade. Simpatia. Amor. Psíquico.

[1] Professor Associado IV da Faculdade de História da Universidade Federal do Pará (UFPA). Docente do Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará (UFPA) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará (UEPA). E-mail: ipojucancampos@mail.com.

[2] Graduada da Faculdade de História da Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará. E-mail: thamiresgabrielesilva23@gmail.com.

ABSTRACT

The following analyses are set in the city of Belém, covering the period from 1985 to 1997. They focus on understanding specific Afro-cultural interventions carried out by the babalorixá (Candomblé priest) Pai Serginho de Oxóssi. He reached the public in Pará through two communication channels: the "Os búzios respondem" column in the “Diário do Pará” newspaper and the radio program "A Hora do Axé" (The Hour of Axé), broadcast by Radio Clube do Pará. Through these media, he demonstrated the power his religious beliefs held over the romantic and emotional mindsets of those who had lost hope regarding "lost loves." Interaction between the priest and those seeking his counsel took place via correspondence sent by the latter to the former, with responses published in the aforementioned newspaper. This study posits that individuals turned to this religious figure only after exhausting all conventional methods believed capable of reconciling them with their beloved. However, the article also argues that the paths proposed by the priest would prove ineffective if the individuals' psychological aspects were overlooked in favor of the magical solutions envisioned to resolve romantic conflicts. To this end, the study draws upon articles from the “Diário do Pará” and excerpts from an interview the priest granted to the authors of this analysis.

Keywords: Religion. Religiosity. Sympathy. Psychic.

INTRODUÇÃO

> Como tenho dito várias vezes, “a Minha Gegê – Nagô é a escolha do silêncio, da humildade, da realização. Eu sou seu discípulo. Diante da majestade de Avievodum o que vale não é a tua sabedoria, mas, sim, tua humildade” (Diário do Pará, 09 de setembro de 1987, p. 2.).

A pesquisa tem como agente central de análise o babalorixá Pai Serginho de Oxóssi. Geograficamente é uma interpretação que tem Belém como centro. Já a sua cronologia inicia-se em 1985 e se estende até 1997. Ela se encontra ancorada em diversas fontes que incluem artigos publicados no jornal “Diário do Pará” e numa entrevista com Pai Serginho de Oxóssi concedida, em 22 de julho de 2024, aos autores desse artigo. A questão elementar aqui proposta visou compreender porquê determinados agentes voltaram atenções a lenitivos e a consultas espirituais de cunho amorosos ora conhecidos como simpatias, ora como mandingas, ora como mirongas, sugeridos pelo Pai de Santo em tela.[3] Dito isso, o estudo se sustenta sobre a seguinte hipótese: muitos sujeitos sociais recorriam à magia quando todas as outras ferramentas ditas convencionais

[3] Pequenos trabalhos ou remédios de fundamento sagrado voltados à resolução de demandas amorosas – termo que, para os praticantes das religiões de matriz africana, aproxima-se das noções de magia e feitiçaria.

haviam se esgotado à solução do contratempo pelo qual a pessoa carecida atravessava. Associado a esta conjectura, o leitor se deparará com a lógica de que os "problemas" afetivos apresentados ao religioso, passavam – obrigatoriamente – por trilhas histórico-psíquicas, ou seja, compreendemos inexistir solução às desinteligências anunciadas às margens das formas de pensamento do eu do sujeito. À vista disso, frente ao desespero de amor, as crenças no poder do encantamento e no das palavras profetizadas pelo sacerdote, transformavam-se em esperanças aos perturbados pelo sentimento da paixão.

Mas, quem é a principal personagem dessas investigações? Pai Serginho de Oxóssi foi iniciado na Umbanda em 1970 em Belém. Aos 30 anos desenvolveu-se no Culto Mina Jeje-Nagô, Cultos aos Orixás, Voduns e Encantarias em São Luís do Maranhão. Segundo ele, desde o momento do seu nascimento, já estava destinado a seguir nessa missão. Enquanto sacerdote de cultos africanos, contudo, apesar de herdar a mediunidade da família, na qual sua mãe, seu primo e seu sobrinho manifestavam mediunidades espirituais, enfrentou no início certa resistência no seio da sua linhagem, porquanto "todos são muito católicos e eu ia de encontro às suas tradições" (Entrevista com Pai Serginho concedida aos autores em 22 de julho de 2024). Ainda nesta matéria, Serginho diz que começou a experienciar os primeiros sinais mediúnicos ainda muito novo, aos 7 anos de idade, e aos 11 anos principiou a "fazer o santo". No entanto, somente em 1985, já com a aceitação familiar, passou a introduzir caminhada rumo às instâncias espirituais. Nosso agente histórico também gosta de ser reconhecido como literato. O babalorixá, igualmente, é comunicador, porque comandou na década de 1990 até meados de 2021, na "Rádio Clube do Pará AM", o quadro intitulado "A Hora do Axé", sendo uma das programações mais esperadas da época.

Com vida sobeja agitada enquanto representante do Axé, em agosto de 1989, sob o título "Umbanda e Candomblé festejam Exu e Oxumaré", o religioso expressou: "(..) Tenho filhos no Rio, São Paulo, Manaus, Estados Unidos, que não dão um passo sem me consultar no jogo de búzios, mão de cartas,

trabalhos[4] para diversos fins, banhos, garrafadas (...)" (Diário do Pará, 24 de agosto de 1989, p. 6).

O religioso possui personalidade alegre, sorriso largo e olhar vivo. O Pai de Santo se sente confortável em usar pulseiras e anéis de prata, bem como enfileiramento de inúmeros rosários no pescoço. Na faculdade de filho de Yemanjá foi confidente de incontáveis histórias daqueles que creram na eficácia de suas orientações e conselhos. Nesse segmento, colocamos à baila a principal discussão desenvolvida neste texto, qual seja: o poder do deslocamento psicológico concentrado num religioso afro que desenvolvia mirongas destinadas a reaproximar homens e mulheres desavindos amorosamente. O sacerdote, se apresenta como intermediador no plano material e no do divino, confortando contingências humanas através de recursos mágico-religiosos. A partir das pesquisas, somamos a este conjunto o entendimento de que os consulentes apenas descortinavam a crença afro como capaz de solucionar desinteligências amorosas aquando outros recursos, como o do convencimento do outro haviam se esgotado. Assim sendo, nossas interpretações buscaram compreender os significados das mandingas de amor aos seus praticantes, compreender as crenças concernentes à eficácia da magia, bem como descortinar, o imaginário de parte da sociedade belenense em face às orientações do babalaô.

No tocante às publicações, o conteúdo ganhou notoriedade entre o público leitor a partir de dezembro 1985, porque iniciou atendimentos com jogos de búzios de onde dizia prever o futuro, principalmente no ramo da política, no da música e no do futebol, sinalizando a não participação do elenco brasileiro nas finais da Copa do Mundo de 1986. Previsões sobre a política estadual e palpites voltados às interações dos astros, também foram objetos editoriais da folha citada. O sacerdote, por intermédio da revelação dos búzios, também ficou afamado pela presumível descoberta de um remédio natural destinado a auxiliar

[4] A busca por práticas mágico-religiosas era uma alternativa de sanar problemas dos mais diversos fins, como tratamento para a infertilidade, impotência sexual, tratamento de "quebranto" para as crianças, malefício contra os lares e familiares e tantos outros. Em Belém, há indícios desses sortilégios antes mesmo da visitação do Tribunal do Santo Ofício no Grão-Pará e Maranhão (1963-1969), praticado principalmente pela camada mais popular dos habitantes. A historiadora Taissa de Luca (2021) e o pesquisador Fábio Sena (2021) demonstram a presença dessas práticas no período inquisitorial em "As magias de amor: das notícias históricas aos sortilégios realizados em terreiros de Belém", ao realizarem uma incursão histórica sobre esses serviços, mas focalizando suas análises para o âmbito amoroso desses sortilégios.

os portadores do vírus HIV, em ascensão na década de 80. O tratamento se dava pelo cozimento de cascas de arueira, capitari, conhecido como pau d'arco e barbatimão, composição dita proporcionadora de efeitos terapêuticos aos pacientes (Diário do Pará, 02 de março de1986, p. 2).

A partir de 26 setembro de 1986 a comunicação com o sacerdote passou a ser por intermédio de cartas. As correspondências poderiam ser enviadas aos seguintes endereços: rua Boca do Acre, 391, no bairro do Telégrafo, local de atendimento presencial do sacerdote. Mais tarde, 1989, ao passar a atender à rua Comendador Pinho, bairro da Sacramenta, as epístolas eram endereçadas para este logradouro. Do mesmo modo, à sede do jornal e à da "Rádio Clube do Pará AM", onde comandava o programa "A Hora do Axé", primeiramente localizado à rua Gaspar Viana e, mais tarde, à travessa Curuzu, esquina com a avenida Almirante Barroso.

No tocante às mirongas de Axé, é vital esclarecer que chegaram à presente discussão por meio de mais de 100 ocorrências coletadas no periódico em questão. Não obstante, deste universo, usamos 13 porque se demonstraram suficientes à fundamentação desejada. De mais a mais, consoante a coluna "Os búzios respondem" é medular esclarecer que o noticiário seguia estruturação "simples": iniciava com uma previsão mensal de um signo do zodíaco e seguia diretamente às respostas dos búzios referentes às cartas dos leitores.

Encaminhar epístolas era a ferramenta para se entrar em contato com o afro-religioso e, assim, se obter orientação a respeito dos mais variados problemas. Tudo era organizado da seguinte forma: os interessados enviavam correspondências ao jornal utilizando um pseudônimo e o religioso-colunista as respondia em sua coluna. No texto das missivas era necessário que o remetente escrevesse o nome por extenso, a data de nascimento (o dia, o mês e o ano) e anexasse um heterônimo. Os nomes fictícios eram múltiplos e, quase sempre, estiveram relacionados aos signos astrológicos ou com a situação emocional que se encontravam. Vejamos alguns: "Ariano Desorientado", "Virginiana Insatisfeita", "Libriano Desgostoso com a Vida", "Esposa Sofredora", "Amarrado", "Sem Saúde". Para Pai Serginho, o emprego de nomes figurados era uma forma de deixar incógnitos seguidores do babalorixá, uma maneira com que não se "comprometesse" com a história narrada nos múltiplos manuscritos recebidos,

privando seu íntimo de “quaisquer” julgamentos. Dessa forma, o anonimato era garantido através da denominação que cabia a(ao) própria(o) missivista escolhia, porém, em dados casos, o religioso assumiu essa função.

Sigamos na compreensão de uma parte desse mundo.

1. ALGUNS CONSULTADOS, ALGUMAS ORIENTAÇÕES

Buscar a recuperação do amor de uma mulher e de um homem por intermédio da ajuda do babalorixá jamais foi tarefa simples. Fosse a quem recorresse a tal ferramenta, fosse ao religioso mediador, nenhum desconsiderava essa premissa. Por exemplo, constituiu-se sobejamente ordinário nas epístolas endereçadas a omissão dos nomes próprios – foram mudados para pseudônimos – daqueles a encomendar orientações amorosas-religiosas. Ambas as instâncias de interesse se utilizaram da estratégia para se evitar constrangimentos, para se evitar comprometimentos, para se evitar juízos externos, para se evitar galhofas de terceiros. A tática expressava ponderação, mas também complexidade perante a solução buscada. De mais a mais, aquele a ajudar indivíduos “desesperançados” no amor, consignou acerca do assunto:

> Pra não comprometer, né? Às vezes… vamos dizer… a vizinha do teu lado que tá fazendo feitiço pra ti. Então você vai mostrar que tá indo na macumba, aquele negócio todo? Então era tudo… assim é… sigi… sigiloso. Sigiloso com iniciais, com pseudônimos, né (...). Às vezes eu dava pseudônimo pra não comprometer a pessoa (Entrevista com Pai Serginho, concedida aos autores em 22 de julho de 2024).

Mais à frente, aludiu:

> Eu orientava, sempre orientava… “gente, se vocês queiserem mandar carta, eu não…”, eu tinha medo, é um nome né, de repente… então era inicial (...) Às vezes eu dava o pseudônimo, às vezes eu dava o pseudônimo. Pra não comprometer a pessoa, eles já sabiam… aquele problema, a que eu tava me referindo. É como na rádio, né… na rádio principalmente que todo mundo escutava. Então gente, não é preciso você se identificar, se você quiser tudo bem, não tem problema, mas se você não quiser, mande sua inicial, ou um pseudônimo “borboleta triste, pássaro ferido”, e assim foi (Entrevista com Pai Serginho realizada em julho de 2024).

Dessa forma, o anonimato era garantido. Este meio ocorria porque as partes convencionaram premente a proteção, porquanto não eram invulgares pressões sociais advindas da vizinhança e da coletividade, assim como preconceitos articulados a coações religiosas em virtude da atenção, da importância, do valor e do tratamento oferecidos à religião de matriz afro-brasileira. Todavia, talvez a maior delicadeza a cingir sobre esta relação esteve na lógica de para quem se solicitava trabalhos amorosos, pois os consulentes se expunham a um sacerdote afro-religioso. Aliás, esta foi, presumimos, a primícia elementar à feitura de abastados cuidados em face ao anonimato, por um lado; no entanto, por outro o anonimato esteve distante da função de tão-somente expressar espécie de esconderijo a evitar o preconceito. Ele funcionou como lugar sociorreligioso capaz de oferecer liberdade quer às narrativas de homens e de mulheres, quer às orientações provenientes do babalorixá. Por este patamar, "o que quer que a religião possa ser" ela sempre se nutrirá do entendimento de como cada sujeito a interpreta e a organiza nas suas experiências e nas suas condutas cotidianas (Geertz, 1989, p. 144).

O seguidor da coluna, "Os búzios respondem", designado "Ariano Desorientado", obteve em setembro de 1986, a seguinte resposta às suas apreensões:

> ARIANO DESORIENTADO: Vi nos meus búzios que o seu amor voltará, tome um banho de incenso de Chama, mel de abelha e rosas brancas e tudo lhe sorrirá; seu Santo que lhe protege é IANSÃ (Diário do Pará, 28 e 29 de setembro de 1986, p. 02).

Duas conjecturas podemos destacar, quais sejam: primeira, "Ariano" presumivelmente havia esgotado o uso de ferramentas vislumbradas comuns à conquista de sua amada. Recorreu a conversas, reafirmou compromisso, deu explicações, articulou promessas, refez planos, contudo, pressupomos, não conseguiu fazer com que a mulher voltasse a assumir consigo quaisquer compromissos. À vista disso, ao observar a "inviabilidade" de a amada regressar à convivência através do ordinário, ou melhor, ao conjecturar "nada" ser capaz à restauração dos elos maritais e que, dessa maneira, caminhos pouco ortodoxos seriam inúteis, decidiu recorrer ao líder religioso em tela. Segunda, a resposta de Pai Serginho à epístola encaminha pelo "desiludido" homem foi nutrida de

instrumentais naturais-religiosos que havia décadas constituíam-se em essências sobejamente conhecidas por aquele a recorrer aos poderes da religião afro. Muito embora, "incenso" e "mel", o homem atordoado já os conhecesse, mas, certamente, não na qualidade de produtos capazes a restabelecer amores.

No seio destas estruturas, o conhecimento religioso atuou de forma inequívoca sobre a debilidade, mas também sobre a força de camadas psíquicas várias. O homem enfraquecido em virtude do "amor perdido" entendia como viável enfrentar a fragilidade amorosa através de outros instrumentais. Tinha esperanças de tudo resolver com orientações religiosas oriundas da "magia", do "banho", do "mel", do "incenso", isto é, estes foram alguns bálsamos utilizados e que recorrentemente foram somados a fatores psicológicos ditos capazes de alcançar o alvo pelo qual foi acionado. Não foi incomum na entrevista concedida, o babalorixá afirmar que suas orientações lograriam bons resultados apenas se a cabeça do executor estivesse em boas condições (Entrevista concedida aos autores em 22 de julho de 2024). Aqui, no mínimo, o babalorixá quis dividir responsabilidades acerca da eficácia dos seus trabalhos. A possibilidade de sucesso das mirongas amorosas era dividida entre quem solicitava e quem indicava os caminhos a serem percorridos. Eduardo Galvão, em "Santos e visagens" (1976), mesmo não estudando trabalhos amorosos é aqui capital. Interpretou a feitiçaria como uma das inúmeras formas a colocar indivíduos panema,[5] todavia, das suas compreensões o que corrobora às reflexões em curso concentra-se nos seus entendimentos sobre as ervas e as garrafadas ditas eficientes à quebra de encantarias, enfim, o autor esteve atento aos efeitos dos conhecimentos caboclos presumíveis capazes de desfazer o feitiço promovedor da panemagem (Galvão, 1976, p. 81-85). Já para Karl Heinz Arenz, ao pesquisar feitiçaria e pamenagem no Baixo Amazonas trouxe à baila o quanto as categorias eram domínios abstratos, porém, portadores de "efeitos concretos no cotidiano dos ribeirinhos" e de sortidas pessoas ditas comuns (Arenz, 2003, p. 150).

Em estudos realizados na capital paraense, Fábio Sena analisou que a magia e os simbolismos possuíam papéis fulcrais na resolução de pendengas

[5] Para o antropólogo Raymundo Heraldo Maués (1990), a expressão significa sujeito sem sorte, sujeito sem força física momentânea, sujeito incapaz de obter sucesso nas atividades executadas, sujeito adoentado por razões desconhecidas.

sentimentais e que presumíveis técnicas racionais são incapazes de acolherem, de resolverem e de amainarem determinados cenários da vida humana. Desta maneira, a magia seria uma forma alternativa de lidar com contextos amorosos controversos, ainda que esteja fora da compreensão (científica) humana (Sena, 2021, p. 52).

Ao administrar os elementos naturais mencionados na simpatia, o agente social reacende crenças adormecidas ou não conhecidas até o momento, impulsionado pelo senso de agência e de controle que a feitura mágica oferece. Esse controle sobre aquilo que não pode ser domado naturalmente, mas que pode ser manipulado pelo mágico, desperta sensações de esperança de retorno do ser amado ao abandonado. Contudo, como pontuado pelo mesmo autor e em observância as orientações de Pai Serginho, este não ludibriava seus seguidores com promessas infundadas como a de que o ser amado voltaria de modo imediato, pois, estrategicamente, fazia reacender a esperança quando afirmava: “Vi nos meus búzios que seu amor voltará” (Diário do Pará, 28 e 29 de setembro de 1986, p. 02), então, depositava a eficácia do retorno na operação mágica a ser realizada pelo leitor e na recarga psicológica positiva a depositar sobre ela.

Caminhos similares aos do caso anterior, percorreu a mulher cognominada “Menina Apaixonada”. Ela leu as mirongas de Pai Serginho como campos possíveis à reaproximação com o ser amado. Assim sendo, por meio de carta encaminha ao jornal “Diário do Pará” confidenciou ao religioso as seguintes apreensões:

> Pai Serginho, eu amo um rapaz do signo de Áries. Estava tudo dando certo, mas de repente surge outra no caminho dele e o pior é que a mãe dele é macumbeira e já jurou que ele vai casar com ela. O que eu faço Pai Serginho?” (Diário do Pará, 1989, p. D-2).

Em resposta, o babalorixá a orientou:

> Minha filha, vi nos meus búzios que este rapaz gosta de você e é com você que ele vai se casar, não se preocupe com as intrigas e conversas. Confie nos Orixás. tome 9 banhos com arruda, alecrim, manjericão, corre atrás e se defume com a defumação Só Deus Pode Comigo (Diário do Pará, 1989, p. D-2).

A autodenominada “Menina Apaixonada”, afeiçoada por um homem do signo de Áries, nos traz dimensões da procura por conselhos e trabalhos

espirituais. A leitora não descreve o grau de intimidade amorosa com o rapaz, mas relata que o romance foi ameaçado pelo aparecimento de uma rival no caminho do ariano e que poderia potencialmente roubá-lo de sua vida através de uma interferência mágica realizada pela mãe do amado, uma “macumbeira”. Ainda segundo a apaixonada, essa intervenção faria com que o rapaz não apenas se relacionasse com a outra, mas também se matrimoniasse com a sua rival. Neste relato, a “macumba” aparece inicialmente como algo pertencente ao diferente, assim como uma possível ameaça ao seu relacionamento. É diante dessa intimidação que “Menina Apaixonada” recorre a Pai Serginho, reconhecendo a possibilidade de intervenção das práticas mágico-religiosas na resolução das suas apreensões afetivas. Nesse caso, e em outras ocorrências encontradas nas cartas de leitoras, a mulher pode estigmatizar ou temer determinada prática e, simultaneamente, em momentos de desespero, reconhecer sua eficácia e recorrer ao afro-religioso para solucionar seu problema por intermédio dos próprios recursos mágico-religiosos administrados por ele.

Aqui é bem-vindo os entendimentos de Yvonne Maggie (1992). Categorias como “feitiço”, “macumba” e “feitiçaria” não devem ser compreendidas apenas como descrições de práticas religiosas, mas na qualidade de categorias utilizadas pelos próprios sujeitos para classificarem pessoas, estabelecerem diferenças e produzirem hierarquias. No caso da leitora, a “macumba” realizada é classificada como algo potencialmente maléfico e ameaçador ao seu relacionamento, porém, ao mesmo tempo, recorria a um babalorixá, portanto, às práticas mágico-religiosas “solucionadoras” de problemas amorosos.

Assim, a fronteira entre o "eu" e a "macumbeira" torna-se “instável”. Aquilo que é apresentado como ameaça quando praticado pela mãe da rival também pode ser acionado como recurso pela própria consulente. O caso evidencia que a relação dos consulentes com as práticas mágico-religiosas não se estabelece necessariamente por uma oposição rígida entre crença e descrença, mas pode envolver medo da perda do vínculo amoroso, estigmatização, reconhecimento de eficácia. Todavia, para além de tudo, não se pode perder de horizonte que a procura dessas práticas estavam de acordo com as circunstâncias vivenciadas.

Observamos nas respostas oferecidas por Pai Serginho, diversos

caminhos a serem percorridos. Dentre muitos destaca-se o seguinte: o religioso nunca se fez de rogado perante o poder da religião professada, ou melhor, sabiamente expressava – de forma pública – o quanto os seus conhecimentos eram capazes de reunir casais com sérias desinteligências e, para isso, repitamos, o uso de ervas conhecidas e a citação de santos, talvez "incomuns" (como Iansã), objetivassem produzir sobre os "consultantes" desempenhos mentais eficazes, porquanto, não podemos deixar em plano secundário que na medida em que se chegava ao mestre, "todo" recurso e "toda" ferramenta ordinárias à conquista já haviam sido colocados em exercício, ainda assim, sem o efeito apetecido.

Quer para os consulentes quer para o consultador estava em jogo os efeitos desejados. Estes constituíam-se aspectos essenciais às personagens em pauta. O primeiro já havia passado pelo fracasso de não conseguir o retorno da amada, e, o segundo, desejava fazer reaproximar os desavindos. Por assim dizer, ambos tributavam aos efeitos da "magia", o sucesso e a eficiência do que fora anelado. Isso não é tudo, porém. Como atrás demos a compreender havia exaustão de dado grupo de sujeitos socioculturais-religiosos perante o uso de instrumentais que aqui os classificamos como comuns, destinados à conquista e/ou à reconquista de alguém. Para o babalorixá, existia a certeza do quanto as suas ações eram representativas e poderosas diante das teias da vida daqueles que o procuravam. Todavia, o que mais importa analisar consiste na concepção de como é possível categorizar as tramas pelas quais determinados agentes históricos descortinam no(s) outro(s) determinada(s) transcendência(s) capaz(es) de resolver problemas assentados no plano amoroso.

Estamos frente a frente aos elementos essenciais a determinarem os argumentos que propusemos. O que distinguia o senso de entendimento pretérito dos consulentes do tempo em que decidiram albergar-se sob os conhecimentos/conselhos de Pai Serginho, foram mudanças mentais de aceitação do modo de se interpretar o mundo que lhes circunscrevia, de se compreender como sujeito atuante num lugar, de conseguir entender formas de direção a si e aos outros, enfim, adentrar no mundo religioso expressava firmar camadas paradigmáticas explicativas. Serginho, por assim dizer, prestava atendimento às mais diversas searas, principalmente às circunscritas a questões

do coração, em síntese os que versavam sobre problemas conjugais.

Nos casos mais severos, aqueles a necessitarem de uma orientação mais privada e estendida, sugeria à pessoa que o procurasse – presencialmente – em seu local de atendimento. Nesta conjuntura, a confiança era elemento importante, pois, afinal, diversificados indivíduos abraçavam a simpatia, a mironga, a encantaria para solucionarem problemas oriundos do esgotamento das ferramentas usuais. Queremos reafirmar um ponto-chave dos nossos argumentos: solicitar abrigo à "magia" constituía-se na última estrutura capaz de reaver amores que em si não se encontravam "perdidos", mas poderiam ficar caso a ajuda religiosa fosse negada, ou seja, sem a força da religião-religiosidade afro, sem as ervas, sem os banhos, a mulher e o homem desejado(a) tendiam ao distanciamento.

Nas tramas em questão, a religião, inicialmente, oferecia acalento emocional para o que não podia ser compreendido racionalmente. Nos casos em exame, o que se observa são tentativas de controle daquilo que se encontrava na dita desordem; todos buscavam operar amenizações ao sofrimento fosse por meio das orientações de Pai Serginho, fosse através de feitura de simpatias. Relativo ao que aqui argumentamos, Kelson Chaves ao analisar experiências vivenciadas em terreiros de Limoeiro do Norte (CE) considerou que os sacerdotes se compadeciam com os conflitos amorosos de sua clientela, assumindo papel não apenas de intercessores espirituais, mas também de conselheiros. O pesquisador observou que muitos aflitos nem chegavam a encomendar mandingas e, em tais casos, somente o(s) conselho(s) do(a) sacerdote era(m) suficiente(s) (Chaves, 2010, p. 148).

No entanto, desejamos voltar outra vez às estruturas histórico-psíquicas dos nossos sujeitos. Estamos perante pessoas sobejamente abaladas (aqueles que "perderam" amores), bem como diante de um religioso que não deixava em segundo plano o ideário do quanto poderia ajudar nesta matéria. Logo, de um lado, ocorreram depreciações do ser em si em decorrência dos dissabores de diversificadas tentativas amorosas frustradas e, de outro, existia o religioso disposto a ajudar a reconstruir vidas a dois em crise.

Os indivíduos buscavam aquela crença ao tempo do desespero, quando não mais dispunham de recursos vistos como ordinários à solução de

desacordos amorosos e, nestas condições, tal sentimento se encontrava absolutamente ligado à "fragilidade" do sujeito consulente. Efetivamente, o que ocorria em meio ao desespero de alguns concentrava-se na lógica de que houve considerável mudança no modo de ver, de perceber, de entender, de classificar a vida a dois. Dito de outro modo, os angustiados passaram a organizar distintas formas de interpretação, de aceitação, de compreensão de mundo, ou melhor, na ausência de explicação convincente localizada nas estruturas ditas tradicionais, Pai Serginho passou a ser agente capaz de organizar-reorganizar desencontros sentimentais há muito em curso.

"Ariano Desorientado" e tantos outros a constar nestas reflexões, desejavam retomar – através de qualquer instrumental – o controle das suas vidas amorosas. A finalidade era, por assim dizer, a de atuar na condição de dominador, na de respeitado, na de amado e na de desejado pela amada. Por outros termos, aspirava dirigir a própria vida, as suas práticas, os seus desígnios, os seus propósitos, as suas implicações. Ao se observar estes campos, aprofundemos mais e mais o argumento no seguinte sentido: as camadas da vida amorosa são, sem dúvida, em si mesmas, produtos de negociações a ocorrer no seu bojo e às margens dela, isto é, constituem-se em produtos culturais onde a flexibilidade era essencial.

Para se reforçar estas balizas interpretativas, trazemos à baila a senhora cognominada de "Perdida sem rumo". Em suas palavras, considerou:

> RESPOSTA ÀS CARTAS DE LEITORES
> Perdida sem rumo: Pai Serginho, namorei um rapaz que prometeu casar comigo, mas depois que ele conseguiu seu verdadeiro objetivo me abandonou e hoje espero um filho dele e o pior é que minha família não quer que eu tenha esta criança. O que eu faço Pai Serginho, me ajude pelo amor de Deus.
> Pai Serginho responde: Minha querida e desconhecida filha, eu coloquei seu nome na corrente de axé e você vai vencer esta luta. Pegue um prato branco, escreva num papel o seu nome e do moço, cruze os nomes e coloque no prato com mel de abelha e 2 gemas de ovo de galinha, ao lado direito uma vela 7 dias 7 noites branca e um copo com água. Para unir depois de 7 dias coloque tudo isso num jardim (Diário do Pará, 13 de dezembro de 1989, p. D-2).

Namoros, relações carnais e gestações chegavam ao conhecimento do babalorixá, não apenas à emissão de opinião, mas à resolução de imbróglios sobejamente complexos. As reflexões aqui propostas se distanciam da narrativa,

todavia, neste momento se faz necessário relembrar um ponto de vista: uma mulher namorou, entrou em estado gestacional, foi abandonada e, vendo-se em desespero, solicitou ajuda para um afro-religioso. Entretanto, o que nesta história converge à questão proposta deste artigo é uma "espécie de certeza" oriunda quer da "Perdida sem rumo", quer de Pai Serginho em face a magia contida nos trabalhos sugeridos.

Inevitavelmente, a certeza de que um ebó[6] daria certo passava invariavelmente pelas camadas de pensamento de cada qual. Assim sendo, houve dois passos iniciais: o de se colocar o nome da desesperada "na corrente do Axé" e o de se afirmar que ela iria vencer aquela batalha. A corrente do Axé sinalizava a presença da força, a da vitalidade e a da vitória; ligava-se – cremos – à instância pessoal mais substanciosa: a de afirmar que a grávida abandonada venceria a batalha em curso. Depois deste trabalho mental principiante, o religioso a ensinou táticas religiosas para conduzir aos seus braços o namorado abandonador.

O trabalho de amor deu-se com a seguinte composição: "prato branco, escrever num papel o seu nome e o do moço, cruzar os nomes e colocar no prato com mel de abelha e 2 gemas de ovo de galinha, do lado direito uma vela 7 dias 7 noites branca e um copo com água. Para unir depois de 7 dias coloque tudo isso num jardim" (Diário do Pará, 13 de dezembro de 1989, p. D-2). As instâncias cotidianas religiosas eram, impreterivelmente, resultados de dimensões culturais, políticas, sociais, porquanto elas (as instâncias religiosas) foram representadas ora pelo babalorixá, ora pelos que o procuravam. Não obstante, as representações sociorreligiosas em tela são dadas a interpretar na faculdade de mais uma forma de ver, de compreender, de descortinar como os objetos religiosos e como o alcance a princípios religiosos eram ponderados tanto por aqueles a procurar o babalorixá, quanto por este.

2. SIMPATIAS EM CURSO

[6] Palavra de origem yorubá, que significa oferenda ou sacrifício. No contexto explorado, o ebó seria um ritual para purificar, equilibrar energias e resolver problemas amorosos na vida de uma pessoa.

Mais à frente, a partir de 1987, a personagem central desse estudo adicionou na coluna “Os búzios respondem”, algumas simpatias de amarração Deixava claro: à realização de mirongas era imprescindível alguns ingredientes que variavam de acordo com a necessidade de cada situação, mas, principalmente, o uso de elementos culinários e a recomendação de banhos de cheiro composto por ervas, por raízes e por cipós comprados na feira do Ver-o-Peso, foram recorrentes. Consoante destacam-se o abre caminho, o espinho de laranjeira, o alecrim, o mel, o corre atrás, a alfazema, a estoraque, a canela, a erva doce, as folhas de boldo, as folhas de louro e outros. No seio do mundo religioso amazônico a natureza desempenha funções variadas, este aspecto foi centro das preocupações de Raymundo Heraldo Maués. No tocante, o intelectual expressou o quanto preparos curativos com matos diversificados e destinados a soluções igualmente sortidas como contratempos espirituais, são recursos seculares manufaturados pelos caboclos amazônicos (Maués, 1990, p. 133).

Em conformidade com isso, na coluna na qual Pai Serginho expressava certezas religiosas, passaram a aparecer sob as seguintes circunstâncias.

> Para ter sorte no amor: Compre uma rosa vermelha, um cravo e fita verde. Amarre o cravo e a rosa com a fita verde, vibrando positivamente em você e nele. Dê 13 nós. Em cada nó reze um Pai Nosso e uma Ave Maria a Santo Antônio. Depois coloque em um lugar bonito e boa sorte (Diário do Pará, 20 de dezembro de 1990, p. D-2.)

O religioso caminhava por sobre um *modus operandi*, salutarmente, definido à sua operacionalização religiosa; ele não deixava às margens o entendimento do quanto era necessário firmar-se em camadas psicológicas para que assim pudesse acessar de maneira mais consistente a vida alheia. Pai Serginho e quem o consultava estava envolvido com sérias demandas e orientações religiosas, as quais as previsões oferecidas a partir de mundos “mágicos” se articulavam obrigatoriamente com alcances presentes na vida cotidiana, na vida prática a ordenar a experiência de cada qual.

Dito de forma diferente, a religião-religiosidade desempenhava (na conjuntura em estudo) a função de ajudar os homens/mulheres a melhor interpretarem e a organizarem condutas cotidianas, logo, psicologicamente, os

banhos, as ervas, os incensos, os santos, os horários e os dias ultrapassavam, aos consulentes, a concepção de simples substantivos: davam a ler como ritos sagrados seguidos “rigorosamente” para que não se desse margem a equívocos nos resultados.

Na entrevista concedida, o babalorixá recorrentemente evidenciava preocupações frente à importância de o interessado se comprometer com os ritos demandados por cada trabalho. Por vezes, se tornava obrigatório, o consulente se privar de determinados alimentos, de não ingerir bebida alcoólica e de suprimir práticas sexuais. Se o cliente não seguisse estas orientações, colocava-se em risco não somente o êxito do trabalho, mas também a reputação do religioso, que por isso seria questionado sobre a eficácia de suas magias. Portanto, “muito mais” do que a crença sobre a eficiência do que se buscava, era substancial cumprir preceitos, resguardar conjunto de ações a comprometer o sucesso do trabalho realizado que consequentemente poderia colocar em dúvida a eficiência do babalorixá enquanto agente operador de dada crença. Em certa situação relatou que suas mirongas foram procuradas por um rapaz, contudo, este era alcoólatra; tal dependência, imprescindivelmente, prejudicaria o pleno resultado do deslocamento da crença, ou seja, não auferiria bons resultados e, desse modo, daria munição para que o contratante difundisse uma possível desonestidade do contratado, caracterizando-o como um impostor, então, consignou o sacerdote:

> (...) meu amigo, eu não posso fazer serviço pra você, você é alcoólatra… eu vou te fazer esse serviço e tu tem que passar, no mínimo, 24h sem beber. Tu vai beber. Ai tu vai espalhar pra todo mundo que tu me pagou, deu o dinheiro e não alcançou tua graça. (...) (Entrevista com Pai Serginho concedida aos autores em 22 julho de 2024).

Mais do que uma preocupação com a graça alcançada, Pai Serginho externou, na mesma fala, inquietações geradas pelo possível não cumprimento de dada exigência: ficar sem beber por no mínimo 24 horas. O religioso reconhecia que não estava isento de certos resguardos espirituais quando exigia distância de determinados alimentos, por exemplo, o do ovo, durante a vigência da feitura de algum trabalho. Alimento é muito utilizado em trabalhos de prosperidade, de fertilidade e de atração financeira, porém a respeito observava: “olha quando eu faço serviço com ovo… (...) se eu fizer pra mim, tem que passar

no mínimo três dias sem comer ovo, que é pra tirar aquela energia. Porque se eu fazer serviço com ovo e comer o ovo, dá um choque aí é mesmo que nada (...) (Entrevista com Pai Serginho realizada em julho 22 de julho de 2024).

Pai Serginho acreditava que o consumo desta proteína durante o resguardo espiritual alimentício gerava um choque energético a impossibilitar resultado positivo e, por isso, todo o esforço seria perdido. Nessa operação, seguir de forma intransigente determinadas premissas ritualísticas, sobretudo as a exigir castidade fisiológica no que tangia ao consumo de dados víveres, de dadas bebidas e de dadas práticas carnais, integravam operações simbólicas exigidas à crença. Aqui recorrer à Pierre Bourdieu é medular. Em “O poder simbólico”, o autor compreende as relações humanas como estruturas inseridas no seio de sistemas e estes foram dados a ler na faculdade de “instrumentos de conhecimento e de comunicação”. Assim, o autor se ocupou a explicar como o poder simbólico é uma maneira de construção da realidade, onde “os símbolos são os instrumentos por excelência da integração social” (Bourdieu, 2010, p. 09-10).

De tal maneira, para outra conjuntura de tempo e de espaço, ou melhor, para estudos bem distantes dos que aqui estamos a apresentar, Lévi-Strauss explicou dadas funções simbólicas que se expressavam na consciência por meio da reconstrução de ressignificações de sentido, com o intermédio de representações propiciando um conjunto de alterações fisiológicas e psicológicas de uma parturiente pertencente ao povo Cuna (Lévi-Strauss, 2008, p. 216). Traçando paralelos com os simbolismos presentes nas mirongas em questão, era necessário haver contrato de confiabilidade na eficácia da magia, na da crença da palavra repetida, no do banho de atração, para que se alcançasse o efeito desejado. O canto do xamã, bem como as fumigações de ervas naturais preparadas assumiam mensagens importantes no ato a ser praticado. No ritual xamânico da parturiente, esses elementos fortificaram suas vestes, isto é, reforçaram a figura do xamã como agente a interceder entre o material e o místico, estes eram donos de propriedades de cura.

Da mesma forma, Pai Serginho também reforçava essa imagem através de inúmeros elementos: os das vestimentas do sociorreligioso que lhes atribuía caráter de autoridade espiritual, os dos inúmeros rosários e guias em volta do

pescoço que destacavam a existência de entidades “carregadas”[7], os das linguagens popularizadas, que explicitavam o sobrenatural, os dos conhecimentos abrangentes de fórmulas mágicas de cura, os de proteção, os de abertura de caminho e os de resolução de demandas no campo do afeto. Esses elementos endossavam a fé de corações desperançosos em métodos ditos não usuais, no êxito dos encantamentos instruídos pelo religioso, logo, a plena convicção nas simpatias dependia, em grande parte, de três elementos principais: o da crença do sacerdote em sua própria magia, o da crença do solicitante na magia do sacerdote e o da opinião pública na eficácia dos ebós. Neste aspecto, cruzar aquele autor de modo mais pormenorizado com as preocupações que apresentamos é medular. De tal modo, o que queremos lembrar é: as três preocupações sinalizadas por Claude Lévi-Strauss foram, igualmente, compartilhadas empiricamente por Pai Serguinho de Oxóssi.

Com efeito, segue à análise outra agente apaixonada que decidiu recorrer ao afro-religioso.

> RESPOSTAS ÀS CARTAS DE LEITORES
> APAIXONADA: Sou casada há 8 anos, no princípio de minha vida fui muito feliz e jamais pensei que um dia estivesse de pedir auxílio a alguém do santo pois sempre fui uma descrente nesses assuntos, mas vendo seu trabalho e a multidão de gente que lhe procurando, resolvi escrever. Meu marido está de caso com uma menina em frente a nossa casa e já não me liga. Tem a coragem de sair com ela na minha frente, e diz se eu não estiver satisfeita, é só sair pela porta mais próxima. Pai Serginho me ajude o que devo fazer? Ainda há chance para mim ou está tudo perdido?
> SO: Minha desconhecida amiga, seu marido está sob influência do cupido ele casou muito novo sem conhecer direito as emoções da vida, agora é que está se encontrando, tudo isso vai passar depende de você ter paciência, lembre-se "Quem ama perdoa". Banho com: chega-te a mim, chama, vai e volta, pata queira, mão aberta. Você vencerá esta batalha e amanhã verá que tudo passou de um pesadelo rápido (Diário do Pará, 31 de agosto de 1988, p. D-2).

[7] Essa característica espiritual do Pai de Santo fica ainda mais explicitada quando observamos o nome usado por ele “Pai Serginho de Oxóssi”, demonstrando a divindade que é “dona da cabeça” do babalorixá, ou seja, o principal Orixá que rege o Orí do babalorixá, que é mais cultivado e recorrido pelo mesmo. Para Patrícia Birman (1983) “Não há dúvida de que aquele que associa o seu nome a um determinado orixá está não só afirmando uma filiação a um santo, mas também acrescentando à sua pessoa atributos pertencentes ao orixá, dono da sua cabeça.” No caso de Pai Serginho, regido principalmente por Oxóssi, percebe-se tributos que fazem referência ao sagrado, como nas roupagens em tons esverdeados e nos rosários, com grossas contas verdes.

"Vai passar" e "você vencerá esta batalha", eram estruturas de linguagem básicas presentes nas respostas oferecidas pelo babalorixá. Não queremos com esta assertiva assegurar que elas não mudaram no decorrer do tempo e do espaço, mas sim desejamos firmar posição no quanto se constituíam em pilastras elementares das suas decifrações. À vista disso, mais uma vez, as recomendações de um banho capaz de trazer marido desgarrado era composto por "chega-te a mim, chama, vai e volta, pata queira, mão aberta", porém o que tudo isso poderia querer expressar? A mulher que se encontrava casada havia 08 anos, certamente, procurou resolver tal desinteligência por intermédio de outros encaminhamentos, por exemplo, por conversas, por convencimentos a envolver a família, por solicitações de explicação, no entanto, ao notar absoluto insucesso dessas ferramentas ordinárias, avaliou melhor recorrer ao mentor religioso em tela.

Em face aos preparativos existiam outras perspectivas interpretativas, vejamos mais algumas. O afro-religioso recorrentemente articulava aproximações entre quem solicitava ajuda e o mundo mítico das ervas, o da natureza, o da floresta, o do aroma. Outra vez, se faz premente enfatizar o quanto nas tramas das camadas do conhecimento mítico, a fragilidade e a força histórico-psíquicas estiveram atuando de maneira inequívocas. Notemos, dessa maneira, a "precisão" da crença do Pai de Santo em seu próprio encantamento, o qual conseguia delinear o estado daqueles que o procuram.

Serginho, ao buscar decodificar dadas instabilidades afetivas através dos jogos de búzios a funcionarem como canal de transmissão em meio ao mundo dos homens e ao do sobrenatural, assumia papel de agente a trafegar e a deter respostas do além, afirmando possuir relações estreitas com Exu[8] desde o início de seu desenvolvimento mediúnico, logo, recorria aos aconselhamentos da entidade à feitura das mirongas e, nestas escalas, admitia que ao longo de toda a sua trajetória nenhuma simpatia falhou quanto a eficácia. Tal precisão fortalecia elos entre ele e os consulentes e, por conseguinte, reforçava o êxito do ritual, porquanto asseverou "(...) não, nunca voltaram pra dizer que deu

[8] Exu é um Orixá das religiões de matriz africana, associado à comunicação, aos caminhos e ao movimento. Pai Serginho afirma manter relação próxima com Exu, porém não especifica a falange ou a entidade Exu com a qual trabalha, o que pode estar ligado a resguardo ritual ou escolha pessoal.

errado, né. É como eu sempre digo, “olha, isso aqui Exu tá mandando, Exu não quer fazer, então você tá ciente daquilo que Exu disse”, é como eu digo, não sou eu” (Entrevista com Pai Serginho realizada em 22 de julho de 2024).

O religioso acreditava no poder da entidade, confiava em suas prescrições simpáticas, obedecia ao poder de escolha da força mágica ao realizar o ebó ou não e, caso aceitasse, materializava esse desejo na feitura ou na instrução da manipulação dos elementos mágicos para que o próprio consulente o fizesse. A partir da fala de Pai Serginho, a crença na eficiência da magia pode ser compreendida como componente estratégico a ganhar vida graças a conexões com a entidade Exu. Ao afirmar que “Exu tá mandando, Exu não quer fazer”, enfatizava uma cisão entre a sua ação individual materializada e o poder maior da entidade, posicionando-se como um canal, como um mediador, como um elo a cingir os dois mundos, todavia nunca distante da hierarquia. O ponto-chave levantado por Lévi-Strauss está impresso em Pai Serginho enquanto agente a praticar o mágico, pois essa figura não atuava por vontade ou poder próprio e sim como executor, materializando a força espiritual de Exu. Sendo assim, o “poder” do sacerdote foi legitimado na medida em que esteve inserido na cultura paraense e, desse modo, reconhecido e aceito por parte da comunidade.

No que confere a crença do solicitante na magia do sacerdote e na da eficácia do ato, não são poucas as ocorrências encontradas no jornal a evidenciar a reputação positiva do religioso no tocante aos resultados das suas prescrições de encantamento, posto que manuscritos vinham das mais diversas capitais e regiões interioranas. Sigamos mais uma orientação acerca das mandingas amorosas:

> SIMPATIAS
> Pra melhorar seu casamento: Numa sexta-feira de lua crescente ou lua cheia amarre sua peça íntima com a dele e guarde num lugar seguro sem querer ninguém veja e reze duas "Salve-Rainha" para o anjo da guarda de vocês dois (Diário do Pará, 11 de janeiro de 1990, p. D-2).

Orientações eram diversificadas. Elas não se restringiam aos que pensavam ter perdido um amor, aos que imaginavam ter um percalço no matrimônio, aos que pressupuseram passar por dificuldades amorosas; caminhos foram sugeridos aos que queriam encontrar um amor, pois observemos:

> Para conquistar um amor: Pegue um metro de fita branca. Numa ponta escreva seu nome, na outra o dele, depois dê três nós e enrole no seu pulso esquerdo. Você só poderá do seu braço quando ele estiver apaixonado por você (Diário do Pará, 10 de janeiro de 1990, p. D-2)

Nos receituários mágicos, o sacerdote ensinava mirongas para melhorar o casamento, bem como para se conquistar um amor. Sobre o primeiro excerto podemos considerar o quanto sobressaíam-se a permanência de caracteres simbólicos alusivos ao gênero do trabalho, que se referia inconfundivelmente à reconquista do esposo, ou melhor, na busca de artifícios a recompor uma relação desgastada. Eleva-se a atenção para o momento ritualístico da mandinga a ser consumada "numa sexta feira de lua crescente ou lua cheia" (Diário do Pará, 11 de janeiro de 1990, p. D-2), tal dia é comumente atrelado ao místico, muito presente no imaginário popular e reforçado por representações como a da sexta-feira 13. Como nos demais, o segundo documento é bastante diretivo. Ele sugestiona trilhas de percepção, princípios de visão, maneiras de alcançar, modos de ver, formas de operar. Queremos afirmar que estruturas de procedimento estavam em curso, mas antes de tudo já existiam linguagens a lhes consagrar, ou melhor, o objeto desejado não ficava isolado quando o pensamos a partir do conjunto de relações, o qual está inserido.

Embora não tratem diretamente de sortilégios afetivos, estudos como o de Reginaldo Prandi (2001) sobre concepções espirituais do tempo no Candomblé ajudam a compreender por que determinados rituais podem ser associados a momentos considerados mais propícios no calendário, como dias específicos ou ciclos lunares. Isso ocorre porque o tempo sagrado nas práticas religiosas afro-brasileiras organiza-se segundo ritmos cosmológicos próprios, que orientam a escolha de ocasiões ritualísticas. Como simbologias de intimidade e união, a simpatia mandava utilizar peças íntimas da esposa e do esposo, elementos que expressavam conexões física e emocional do casal; tudo, dessa forma, estava impulsionado pelo ato de "amarrar" uma peça noutra, sugerindo um desejo de fortalecimento e de união no casamento, supostamente, enfraquecido (Prandi, 2001).

Historicamente, vestígios humanos foram usados na prática da magia, dentre os quais fios de cabelo, lascas de unhas e outras miudezas. Roupas e

peças íntimas, igualmente, figuraram/figuram nesse arcabouço por presuntivamente guardarem a essência ou a energia do proprietário. Sobre o assunto, em recente trabalho, o historiador Ipojucan Dias Campos analisou o quanto as roupas desempenhavam deslocamentos psico-religiosos profundos nas “vítimas” de supostos ebós encomendados na primeira metade do século XX em Belém, ou melhor, em maridos que tiveram vestuários roubados e tomaram conhecimento de que se constituiriam/constituíram em matérias-primas à feitiçaria (Campos, 2025, p. 393).

Desse modo, reforçamos que as concepções histórica e cultural dialogam com o poder das coisas, com o poder dos objetos e, por este meio, torna-se viável compreender como as roupas davam-se a ler no campo da magia. Mesmo refletindo para outro tempo, espaço e se ocupando com outra problemática, Marc Bloch é aqui crucial. O autor enfatizou a importância do toque real no período medieval, quando os reis taumaturgos legitimaram a sua autoridade divina através da crença em seus poderes curativos. No contexto explorado pelo autor, a população europeia da Baixa Idade Média era castigada pela disseminação da escrófula (adenite tuberculosa), a qual encontrou o antídoto curativo no toque régio. No imaginário coletivo do período, os objetos ligados ao corpo do soberano eram considerados sacralizados, desde acessórios reais como anéis purificados com água benta até o toque no manto que, além de ser um objeto emblemático da realeza, conferia autoridade política ao rei (Bloch, 1999).

> Contava-se comumente, entre os fiéis, que uma mulher, cujo filho, que sofria de febre e prostrado na cama com dores, atravessou a multidão em direção ao rei e, aproximando-se dele por detrás, arrancou sem que ele percebesse algumas franjas de seu manto real; colocou-as em água e deu a água para seu filho beber; imediatamente a febre baixou; o paciente se curou (Bloch, 1999, p. 19).

Pai Serginho operava no imaginário coletivo, ancorando-se na estrutura ritualística a tonificar a crença das massas na eficácia do rito. De forma semelhante ao sacerdote, os soberanos angariavam reputação por intermédio dos milagres, na presença de grandes multidões nas sessões de cura. Os objetos mágicos operacionalizados pelos reis eram delegados por uma aura celestial, não renovável em mãos servis, direcionada unicamente à cura de enfermos. (Bloch, 1999). Em contrapartida, os objetos mágicos administrados

pelo religioso belenense, são simbolismos presentes na própria resposta do sacerdote, que apresentava soluções para encontros e desencontros amorosos de forma simples, sem muito arcabouço linguístico formal e com “ingredientes mágicos” de fácil acesso ao interessado, fato a indicar funções propícias ao tratamento da “má fase” amorosa vivenciada por quem o lia, ou pela própria ausência do ser amado. Vejamos:

> SIMPATIAS Para amansar marido bravo: Ferva disciplina, amansa, quebra chibança, corrente tamaquaré, (folha), deixe esfriar e dê pra ele banhar ou lave a roupa dele (Diário do Pará, 21 de junho de 1989, p. D-2).

Na ocorrência, o religioso apresenta uma mironga para docilizar maridos geniosos, com materiais de trivial acesso, quais sejam: a disciplina, o amansa, a quebra chibança e a corrente tamaquaré. Contudo, o tamaquaré mais popularizado nos feitiços de encantamento e amansamento do ser amado, possui presumíveis propriedades de acalmar, de “atrair” parceiros, de deixá-los “abobalhados” e “patetas” (Carvalho Domingues, 2023, p. 178). Por seu turno, na música “Feitiço caboclo”, Dona Onete cantou, magistralmente, os efeitos do tamaquaré, pois vejamos o seguinte excerto:

> O chá do tamaquaré é um chá muito louco é um feitiço caboclo que só tem no Pará. Na banca de cheiro lá do Ver-o-Peso você vai encontrar. Tem tamaquaré na rede é só embalar, tem tamaquaré na água pra fazer um chá, tem pó do tamaquaré pra botar no café (...) O resultado fica tudo dominado, ele fica abestado, abobalhado bobão, pateta patetão, bilotado bilotado, só o que você quer com o chá do tamaquaré (Onete, 2017).

Aos assuntos amorosos, o tamaquaré sempre gozou de excelente reputação. Esteve nas mirongas de Pai Serginho, na canção de Dona Onete e foi objeto de sortidas investigações acadêmicas. Sob outra ótica, a simpatia reflete o papel tradicionalmente atribuído à mulher dentro das dinâmicas amorosas, como as responsáveis a manter a harmonia e a ordem no relacionamento, recorrendo a estratégias não convencionais, mas pensadas eficazes para lidar com conflitos conjugais como, por exemplo, um marido bravio.

Fábio Sena e Taissa de Lucca (2021), estudiosos das mirongas relacionais discutiram como esses serviços são solicitados por pessoas que enfrentavam amores considerados inacessíveis, tendo como destaque dessa procura, o gênero feminino na cidade de Belém. Tal observação nos leva a

refletir sobre uma dinâmica social na qual a mulher se sente frequentemente mais vulnerável dentro da dinâmica do amor. Traçando paralelos com as cartas enviadas à coluna, inferimos que o feminino era o maior público a procurar o sacerdote, onde os intentos variavam: “trazer o ser amado de volta” como o namorado, como o marido, mas também “afastar amantes”.

Inúmeras são as tramas a abordarem a seara amorosa, dentre as quais: a reconquista do ser amado, lamentação de cônjuges trocadas por outra mulher, situações de amores incorrespondidos. Em alguns casos, a demanda afetiva do solicitante envolvia terceiros, como filhos e diversificados membros do núcleo familiar. Nestes particulares, a intervenção da magia torna-se sensível, porquanto são situações em que o poder judiciário é chamado a intervir.

Eis, mais um eixo a respeito:

> Estrela se apagando: Pai Serginho, meu marido me deixou com 5 filhos e foi viver com minha prima. E como se não bastasse esta humilhação, ele não dá nada para seus filhos e me ameaça de morte toda vez que digo que vou jogá-lo na justiça. Minha única esperança é o senhor, Pai Serginho. Pelo amor de Deus me ajude (Diário do Pará, 03 de janeiro de 1990, p. D2).

No íntimo apelo, “Estrela” frisou que Pai Serginho era a sua última esperança, indicando ter acionado alternativas à resolução do problema, todavia, sem sucesso. A figura do sacerdote apareceu como o refúgio final da demandante que, encantada pelos significados da eficácia mágica do babalorixá, a exemplo de outros casos a envolver amores noticiados no jornal, depositou esperança, confiança e crença nas mirongas sugeridas pelo afro-religioso. Dito isto, o projeto de crença em questão era antes de mais e sobretudo campo nunca isolado de conjunto de relações que se nutria essencialmente do emanado dos próprios afãs da mulher em tela, em cujo interior jamais se encontrou isolado.

Nestas camadas há o estético, há o sagrado, há o simbólico, há as crenças a extrapolar as convicções do “principal” ator em debate. Em suma, eles chegavam na faculdade de certeza aos encomendadores da “magia” amorosa. Com efeito, para que o amor “perdido” voltasse constituía-se imprescindível, aos lados em questão, a existência da certeza. Sumariamente, para o executor não poderia pairar nenhuma dúvida do quanto a simpatia era poderosa aos fins desejados. Havia compromissos emocionais, havia os éticos, havia os culturais

e havia os psíquicos a cingirem conjunto de agentes, conjunto de deslocamentos, conjunto de necessidades a serem alcançados quer pelo religioso, quer por aqueles que o procuravam.

Conforme os argumentos que apresentamos, a atuação de Pai Serginho foi compreendida a partir da circulação histórica de práticas e saberes mágico-religiosos voltados para o enfrentamento de impasses amorosos. Nestas conjunturas, outro estudo importante a ser agregado às nossas intervenções é o de Marlyse Meyer (1996). Ao reconstruir a trajetória de Maria Padilha[9] e as feitiçarias amorosas a ela associadas, a nomes, a rezas e a fervedouros destinados ao reestabelecimento de amores perdidos e evocadas por mulheres, a pesquisadora demonstra o quanto dados trabalhos de amor foram essenciais em determinados momentos da vida daqueles que os buscavam. A autora propõe que esses saberes atravessaram diferentes espaços e contextos históricos, passando pela Espanha, pela Angola, por Portugal e pelo Brasil, sendo este último palco de inúmeros processos inquisitoriais onde a maioria das acusadas eram mulheres. A pesquisadora chama a atenção, nessa trajetória, à "circulação dos seres e das coisas", mostrando que tais práticas não se restringiam à único grupo, território ou ainda contexto, mas foram continuamente deslocadas e reelaboradas. Se, como demonstra Meyer, os saberes mágico-amorosos percorreram caminhos, reedições e permanências, Pai Serginho também parece inscrever-se nesse percurso. Foi bastante comum a presença do babalorixá em outros espaços de circulação, nos quais práticas e conhecimentos associados ao universo afro-religioso ultrapassavam os limites do terreiro e alcançavam um público mais amplo.

No entanto, voltemos outra vez ao eixo dessas interpretações. O esgotamento do ordinário para se conseguir o retorno do amor supostamente perdido e os seus efeitos históricos travados no seio dessa batalha religiosa-amorosa. Nestas condições, o mais premente a se entender, a se analisar encontrava-se pousado não na organização religiosa a proporcionar o restauro amoroso e sim como os que a ela recorriam, conseguiam dar funcionalidade

[9] Para Marlyse Meyes "Nome que no Brasil nomeia hoje, já não uma mulher concreta, mas sim uma entidade sobrenatural que num ritual de possessão, apodera-se de um corpo, feminino ou masculino, mimetizando o que parece ter sido a essência de seu longínquo homônimo europeu. O nome é Maria Padilha." (p. 106)

efetiva e prática à matriz religiosa a qual foram “obrigados” a conferir poderes “mágicos”. Amiúde, tratava-se de compreender parâmetros e noções pelos quais homens e mulheres atribuíram ao “mágico” aspectos “verdadeiramente reais”, bem como sentidos que essas certezas induziram nas mentalidades dos consulentes, então, a “magia” amorosa era dada a ler na qualidade de uma expectativa religiosa, na qualidade de modo de ver, de sentir, de compreender, de entender, de discernir, de significar a vida cotidiana.

Isso foi o que quisemos dar vazão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do trabalho mágico religioso, de sugestões e de orientações afetivas, amores “perdidos” eram passíveis de recuperação. Conforme interpretações apresentadas, o babalorixá em tela se encontrava nesta seara, posto que não foram poucos os casos em que bastante se fez uso de condutas “simbólicas” capitaneadas por diversificadas mirongas destinadas a trazer amores distanciados. De mais a mais, repitamos, o sucesso da empreitada não se circunstanciava às forças empreendidas pelo afro-religioso, pois era elementar no bojo da mentalidade daquele(a) a encomendar o ebó existir a confiança na magia, a confiança na crença, a confiança nos banhos recomendados. Então, o encaminhamento dos afetos não se localizava em única força e em apenas um conhecimento; tudo estava localizado em sistemas abrangentes de força, em composições de elemento que ao atuarem em conjunto conseguiam realizar aberturas de caminho no campo dos afetos.

Por um lado, igualmente, é mister reafirmar que se procurava a “reconquista” afetiva quando “todos” os recursos como os concentrados nas conversas de convencimento haviam se esgotado. Por outro, recorrer a poderes diversificados (aos de Pai Serginho) também expressavam o quanto os consulentes eram determinados quando o assunto versava sobre permanência afetiva. Não se deve deixar às margens o entendimento de que os deslocamentos religiosos em tela estiveram sob a batuta de pressões e/ou de “certezas” psicológicas. Este aspecto, certamente, exige explicações mais amiudadas. Era parte do *modus operandi* do religioso fazer uso de campos

psicológicos, era uma forma de estratégia religiosa, era uma forma de convencer, por um lado; por outro, influências psíquicas do consulente não figuravam num segundo plano, ou seja, o pleno funcionamento da “simpatia” dependia daquele que a encomendasse, daquele que cresse no trabalho efetivado e daquele que cumprisse orientações determinadas, logo, de ambos os lados, o uso psicológico era usado.

Em conformidade, as reflexões estiveram pautadas na compreensão do quanto as religiões e as religiosidades estiveram não somente no seio do mundo prático do afro-religioso, mas também no interior dos que o consultava. Elas, equitativamente, procuraram explicar como as religiosidades jamais se distanciaram das tramas cotidianas quer as do religioso, quer as dos que buscavam os seus ebós. De tal modo, religiosidades e cotidianidades foram articuladas no afã de explicar e organizar vidas de homens e mulheres, onde banhos, onde incensos e onde santos não foram invulgares. Os indivíduos a recorrerem a tais lógicas religiosas, assim como Pai Serginho, lidavam com intensas teias psicológicas, com formas de compreensão, com maneiras de entendimento, com aspectos de conduta relacionados ao dia a dia e à vida religiosa. Os pesquisadores estiveram, desse modo, frente a frente a dois aspectos bastante antagônicos, porém, complementares. Em primeiro lugar, homens e mulheres abalados em virtude da “perda” da pessoa amada e, por esta razão, decidiram recorrer ao mágico religioso no afã da reconquista. O segundo, deu-se no quanto, no como e no porque o filho de Oxóssi se colocou à disposição, na qualidade de agente sociorreligioso, capacitado a ajudar neste particular.

Não obstante, Pai Serginho, por intermédio de experiências espirituais, buscava fazer com que “Ariano Desorientado”, bem como os demais consulentes, conseguissem se colocar no mundo amoroso através de outras camadas. Era primário forjar para si diferentes percepções e classificações e, apenas a partir desse fortalecimento pessoal recomendava-se enfrentar a reconquista do amor presuntivamente “perdido”. Era premente interpretar o mundo circundante, era premente construir interpretações ditas diferenciadas acerca do lugar no qual o homem e a mulher alocaram a relação amorosa. Reassumir o entendido como controle da vida amorosa não se constituía viável

em meio a embaraços psíquicos, enfim, retornar o que um dia foi experienciado como tempo de dominação e de respeitabilidade – na vida a dois – era viável desde que houvesse equilíbrio pessoal.

REFERÊNCIAS

ARENZ, Karl Heinz. **São salvo***:* pajelança da população ribeirinha do baixo Amazonas como desafio para a evangelização. 1ª Edição, Quito: Editora Abya Yala, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**.13ª Edição, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BIRMAN, Patrícia. **O que é umbanda**. 3ª Edição, São Paulo: Abril Cultural, 1985.

BLOCH, Marc. **Os reis taumaturgos:** o caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra. 1ª Edição, São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CAMPOS, Ipojucan Dias. **Prensa do tempo:** medo, catolicismo e feitiçaria (Belém-PA, 1916-1940). Belém: Digitado, 2025.

CARVALHO DOMINGUES, Bruno Rodrigo. Dá tamaquaré pra ele! Humanos e animais entre poder e humilhação na Amazônia Paraense. **Anuário Antropológico**, *[S. l.]*, v. 46, n. 3, p. 167–186, 2023. DOI: 10.4000/aa.8913. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/47814. Acesso em: 29 ago. 2026.

CHAVES, Kelson. **Os trabalhos de amor e outras mandingas: a experiência mágico-religiosa em terreiros de umbanda**. Dissertação (Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens:** um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas. 2ª Edição, São Paulo: Editora Nacional, 1976.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1ª Edição, Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.

LUCA, Taíssa; SENA, Fábio. **As magias de amor:** das notícias aos sortilégios realizados nos terreiros de Belém. Caminhos – Revista de Ciências da Religião, v. 19, n. 1, 2021. Disponível em: https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/8659. Acesso em: 20 out. 2024.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A eficácia simbólica. In: **Antropologia estrutural**. 1ª Edição, São Paulo: Cosac Naify, 2008.

MAGGIE, Yvonne. **Medo do feitiço:** relações entre magia e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **A ilha encantada:** medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores. 1ª Edição, Belém: Editora da UFPA, 1990.

MEYER, Marlyse. FEITIÇOS DO AMOR. **Revista USP**, São Paulo, Brasil, n. 31, p. 104–111, 1996. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i31p104-111. Disponível em: https://revistas.usp.br/revusp/article/view/25985. Acesso em: 9 sep. 2026.

ONETE, Dona. **Feitiço Caboclo**. Belém: Na Music (dist. Tratore), 2017.

PRANDI, Reginaldo. **O candomblé e o tempo:** concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras. **Revista Brasileira de Ciências Sociais,** v. 16, n. 47, p. 43-58, 2001. Disponível em: https://doi.org/10.1590/s0102-69092001000300003. Acesso em: 16 nov. 2025.

SENA, Fábio. **Tudo o que meu amor desejar: um estudo sobre os trabalhos de magia de amor realizados nos terreiros em Belém/PA**. Dissertação (Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2021.

Recebido em 12/02/2025.

Aprovado para publicação em 18/09/2026.